

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA DO PORTUGUÊS POR SURDOS: SINGULARIDADES E ESTRATÉGIAS FACILITADORAS

FERNANDA MARIA ALMEIDA DOS SANTOS

Doutorado em Letras e Linguística – UFBA
fernandasantos83@hotmail.com

Resumo

Este trabalho propõe uma discussão acerca da aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa por surdos, através da análise de produções textuais escritas de alunos da Escola Wilson Lins (localizada em Salvador-BA). Embora se observem algumas alterações morfosintáticas e lexicais presentes na escrita desses alunos, argumenta-se que tais alterações não são decorrentes de aspectos patológicos, mas resultam de um processo através do qual o indivíduo reflete sobre a língua, transferindo para a escrita a estrutura da Língua Brasileira de Sinais. Observa-se, desse modo, que a aquisição de uma língua de sinais facilita o processo de aprendizagem da escrita de uma segunda língua pelo surdo. E o grau de domínio em ambas as línguas pode estar relacionado à maneira como a família se comporta diante da surdez, motivando ou não o surdo através de (e para) o uso da língua de sinais utilizada na comunidade surda de seu país.

Palavras-chave: Surdez, Língua Brasileira de Sinais, Escrita, Família.

Abstract

This paper proposes a discussion about the learning of written Portuguese language by deaf people, through the analysis of written productions by students of Wilson Lins School (located in Salvador-BA). Although there are some morphosyntactic and lexical alterations present in the writing of these students, it is argued that such changes are not due to pathological aspects, but they result of a process by which the individual reflects on the language, moving to writing the structure of Brazilian Sign Language. It is observed thus that the acquisition of a sign language facilitates the learning process of writing a second language for the deaf. And the degree of dominance in both languages may be related to how the family behaves in the face of deafness, motivating the deaf or not through (and for) the use of sign language used in the deaf community in his country.

Keywords: Deafness, Brazilian Language of Signs, Writing, Family.

Escrever é exteriorizar pensamentos. É transmitir conhecimentos. É também registrar a imaginação. Enfim, é poder criar e recriar, expor informações e propagar os mais diversos tipos de conhecimentos em espaço e tempo relativamente ilimitados, através de um conjunto de símbolos criados e desenvolvidos historicamente nas sociedades humanas. A escrita aumenta a capacidade humana de comunicação, possibilitando aos indivíduos o acesso a variadas informações e, conseqüentemente, a ampliação e construção de novos conhecimentos.

No que diz respeito aos surdos, verifica-se que a escrita apresenta ainda outra função: a possibilidade de acesso à língua de uma comunidade oral-auditiva, o que lhes proporcionará a interação com ouvintes não-usuários de uma língua de sinais e, ao mesmo tempo, a ampliação do universo sociocomunicativo.

Entretanto, a tarefa de escrever é complexa e não se limita à simples aprendizagem dos códigos de uma língua. Exige do indivíduo tanto a potencialidade de assimilar as diferenças específicas dos sistemas fônico, fonológico, morfológico e lexical da língua, quanto a habilidade de identificar o que há de peculiar na estrutura sintática e no modo como as relações semânticas se estabelecem. Desse modo, é um processo através do qual o indivíduo (seja surdo ou ouvinte) reflete a respeito dos fatos do próprio sistema de escrita, combinando os elementos de maneira singular e distanciando-se, muitas vezes, da variante "padrão" da língua escrita.

Uma das possíveis maneiras de se lidar com a frequência dos "erros" no processo de aprendizagem da escrita é considerá-los como uma escrita fonética, ou seja, uma reprodução da fala. Contudo, no caso dos surdos, verifica-se que, pelo fato de se comunicarem, na maioria das vezes, através de uma língua de modalidade visuomanual, apresentam dificuldades distintas àquelas apresentadas pelas crianças ouvintes.

Alguns discursos preconceituosos e ultrapassados tentam relacionar a frequência dessas dificuldades a uma natureza patológica, entendendo a surdez como deficiência e rotulando, negativamente, a escrita do surdo. No entanto, diversas investigações já comprovaram que, embora o surdo possua

uma limitação sensorial auditiva, esta não compromete necessariamente sua cognição, nem sua predisposição para a aquisição/aprendizagem de uma língua. No âmbito dos estudos surdos, surdez não é sinônimo de doença/deficiência, mas de diferença.

Com o propósito de ampliar o debate em torno dos estudos sobre linguagem e surdez, através da especificação de alguns aspectos referentes à escrita inicial de surdos, propusemo-nos a discutir o processo de aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa por surdos soteropolitanos, observando as principais dificuldades morfosintáticas apresentadas por estes na construção de textos e enfatizando que tais dificuldades, além das normalmente encontradas no processo de aprendizagem da escrita de uma segunda língua, são resultantes da interferência da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), bem como de uma interlíngua – língua de transição entre a LIBRAS e a Língua Portuguesa (em modalidade escrita).

Pretendemos, assim, alcançar o objetivo de fomentar uma discussão teórica no campo linguístico dos estudos sobre surdos e, ao mesmo tempo, prover àqueles que se interessam por fenômenos referentes à aprendizagem da linguagem (especialmente em modalidade escrita), com um novo olhar em relação ao surdo e ao desenvolvimento da primeira e da segunda língua por esse, enfatizando o importante papel da família e da escola nesse percurso.

1 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA DE L2 POR SURDOS

Sem dúvida, o processo de apropriação da escrita de uma língua ocorre de maneira distinta para surdos e ouvintes. “A língua que o surdo tem como legítima e usa não é a mesma que serve como base ao sistema escrito, por ser um sistema visuomanual, portanto muito diferente do oral-auditivo.” (SILVA, 2001, p. 48) Desse modo, para os surdos, a aprendizagem da escrita corresponde à apreensão de uma segunda língua (com modalidade distinta à sua primeira língua). Já para os ouvintes, representa apenas o aprendizado de uma diferente modalidade da mesma língua. Nesse sentido, observa-se que surdos e ouvintes passam por etapas diferentes no processo de interação com

a escrita, construção de hipóteses e estabelecimento de relações de significação.

Conforme Ferreiro (1985) e Ferreiro e Teberosky (1986), a criança ouvinte, durante o período de contato com os sinais gráficos, passa por estágios de evolução, que são caracterizados em quatro grandes níveis: Pré-Silábico, Silábico, Silábico-Alfabético e Alfabético.

No caso específico dos surdos, observa-se que a realização dessas etapas não gera resultados satisfatórios, pois elas estão voltadas, na maioria das vezes, para a correspondência entre som e grafia; e os surdos não devem ser ensinados com base em uma língua oral-auditiva, mas conforme a estrutura de uma língua de sinais.

Em consonância com Sánchez (2002), acreditamos que não se deve falar em alfabetização quando se fala em surdez, uma vez que alfabetizar pressupõe relacionar letras e sons. Desse modo, o indivíduo surdo não é alfabetizável, mas pode passar por outros processos de letramento para aprender uma língua escrita, desde que tais processos ocorram com base na língua de sinais já utilizada pelo surdo.

Também é preciso considerar que o desenvolvimento da linguagem escrita pelo surdo (assim como pelo ouvinte) implica o domínio de três distintos aspectos: o aspecto funcional, o aspecto lexical e o aspecto gramatical, explícitos ou implícitos na organização textual (cf. FERNANDES, 2006).

Contudo, é válido enfatizar que nenhum desses aspectos será conhecido pelo sujeito surdo se uma língua de sinais não constituir a base linguística do processo de aprendizagem. "Sem sua mediação, os alunos não poderão compreender as relações textuais na segunda língua, já que necessitam perceber o que é igual e o que é diferente entre sua primeira língua e a língua que estão aprendendo." (FERNANDES, 2006, p. 14)

Entretanto, verifica-se que um grafema, uma sílaba, uma palavra escrita em uma língua oral-auditiva não apresenta nenhuma analogia com um fonema, uma sílaba ou uma palavra de uma língua de sinais; por isso, o processo de aprendizagem da escrita pelo surdo necessita de tempo e processos específicos.

Fundamentando-se em Quadros (1997b), podemos dizer que a aprendizagem da escrita de uma segunda língua por surdos está relacionada com os tipos de conhecimento envolvidos no processo de ensino: o conhecimento explícito e o conhecimento implícito. O conhecimento explícito (consciente, dedutivo) é desenvolvido através da instrução formal e deve ser combinado com a aprendizagem implícita (inconsciente, indutiva) da língua, que envolve três processos: percepção, comparação e integração.

O desenvolvimento desses conhecimentos ocorrerá com base em três níveis: a pré-escrita, a escrita e a reescrita. A pré-escrita diz respeito ao planejamento ou à preparação para a escrita. Envolve leitura, avaliação e pensamento, que devem ser realizados antes da elaboração da escrita. Assim, baseia-se num contexto determinado: situações vivenciadas, conversações sobre fatos reais, discussões significativas para o aluno, entre outros. Quanto à escrita, é um processo que ocorre espontaneamente através da transposição de ideias para o papel por meio de símbolos gráficos e, normalmente, apresenta uma relação direta com uma língua de sinais. Já a reescrita é um processo de reelaboração e ocorre devido à intervenção do professor; representa o *feedback* para o aluno surdo, possibilitando a reflexão e o controle sobre as hipóteses experimentadas.

Para o desenvolvimento desses níveis, necessários ao aprendizado da escrita pelos surdos, são condições básicas: o acesso a uma primeira língua, o ambiente, o tipo de interação (*input*, *output* e *feedback*), a idade, as estratégias e estilos de aprendizagem, os fatores emocionais e sociais e a motivação do aluno. (cf. QUADROS, 1997a)

Sem dúvida, a aquisição de uma língua de sinais, como primeira língua, facilita a aprendizagem da escrita de uma segunda língua pelo surdo. Segundo Guarinello,

“Vários estudos demonstram que os surdos filhos de pais surdos estão mais bem preparados para enfrentar a etapa escolar e apresentam melhor desempenho na leitura e na escrita, já que foram expostos a uma língua comum a si e a seus pais, ou seja, a língua de sinais. No entanto, isso não significa afirmar que o fato de os surdos nascerem em famílias surdas é suficiente para que tenham melhor desempenho acadêmico e de linguagem.” (GUARINELLO, 2007, p. 54)

Além disso, é fundamental, para o desenvolvimento da escrita, um ambiente que propicie o contato constante da criança surda com a escrita, através de atividades significativas e contextualizadas.

Assim, a interação entre o surdo e a escrita deve privilegiar o uso de um *input* autêntico, diversificado e compreensível, “mas ao mesmo tempo complexo o suficiente para desafiar o aluno a desenvolver seu processo de aquisição” (QUADROS, 1997a, p. 85), o que exige que discussões prévias sobre o assunto abordado sejam promovidas através do uso de uma língua de sinais. O *input* desencadeará o *output* escrito dos alunos, ainda que este apresente uma relação direta com uma língua de sinais, o que possibilitará a aprendizagem da escrita de uma língua oral-auditiva. E, “a intervenção do professor representa o *feedback* para o aluno surdo possibilitando a reflexão sobre as hipóteses que criou na sua produção (*output*).” (QUADROS, 1997a, 86)

Também é preciso enfatizar que a idade do aluno tem diferentes implicações no processo de aprendizagem da escrita de uma segunda língua.

“Normalmente, o ensino de L2 para crianças enfatiza a aquisição do vocabulário e a compreensão da L2. Os adultos, diferentemente das crianças, apresentam-se motivados conscientemente para o processo da L2, assim se dispõem a falsear ambientes naturais de língua. Já com as crianças, o processo exige do professor habilidade para tornar a aquisição o mais autêntica possível e para criar motivação suficiente para despertar o interesse do aluno.” (QUADROS, 1997a, p. 86)

No que diz respeito às estratégias e estilos de aprendizagem, tais aspectos também podem influenciar negativa ou positivamente na aprendizagem dos alunos. Assim, o docente deve levar em consideração as tendências e preferências dos alunos, voltando-se para uma metodologia diversificada que busque atender às necessidades dos discentes. Também deve reconhecer que a apropriação da escrita do português pelos surdos caracteriza-se como um processo contínuo (constituído por diferentes etapas), cujo “ponto de partida” é a língua de sinais (L1) e o “ponto de chegada” é a língua portuguesa (L2), na modalidade escrita:

“Cada uma dessas etapas ou estágios de aprendizagem dos alunos aprendizes constitui a sua interlíngua. Esses estágios sucessivos do conhecimento linguístico revelam que a linguagem dos aprendizes varia. [...] Ele se utiliza de estratégias de transferência da língua materna, de

simplificação, de hipergeneralização e de transferência de instrução, que são dependentes de fatores internos individuais e de fatores externos contextuais. Entre os fatores externos, observam-se os seguintes: a competência do professor, a adequação de metodologia e dos materiais didáticos, a quantidade e qualidade de input da língua-alvo a que estão expostos os aprendizes.” (DECHANDT, 2006, p. 312-3)

Fatores emocionais e sociais também podem influenciar no desenvolvimento da escrita de uma segunda língua pelas crianças surdas, inibindo-as e atrasando o processo de aprendizagem. Nesse sentido, é fundamental que o professor conheça a realidade de seus alunos e identifique possíveis problemas que podem interferir na aprendizagem dos mesmos.

Assim, verifica-se que a aprendizagem da escrita por uma criança surda ocorre de maneira específica e engloba diversos fatores que poderão propiciar ou não o desenvolvimento adequado das principais habilidades de escrita.

2 INTERFERÊNCIAS DA LIBRAS E DE UMA INTERLÍNGUA NA ESCRITA INICIAL DE SURDOS SOTEROPOLITANOS

Com o objetivo de analisar o processo de aprendizagem da escrita por surdos, constatando as principais dificuldades morfosintáticas apresentadas por estes na construção de textos em Língua Portuguesa e buscando desvendar de que forma as alterações presentes na escrita dos surdos são um reflexo de interferência da Língua Brasileira de Sinais, bem como de uma interlíngua, utilizou-se uma metodologia de investigação explicativa, com método de abordagem hipotético-dedutivo.

A pesquisa também conciliou as linhas de abordagem quantitativa e qualitativa. A abordagem quantitativa foi utilizada para a quantificação dos dados, tanto no que diz respeito à coleta de informações quanto ao tratamento dessas por meio de técnicas estatísticas. No entanto, para a compreensão do processo de aprendizagem da linguagem escrita por surdos, a quantificação de dados não é suficiente. Por isso, foi necessário primeiramente adentrar o espaço escolar e, além de observar o grau de afinidade dos alunos surdos com a Língua Brasileira de Sinais, verificar de que maneira ocorre o processo de apropriação da Língua Portuguesa (em modalidade escrita) por eles, o que

facilitou a posterior análise dos dados quantitativos e, portanto, contribuiu para a compreensão do fenômeno estudado.

O espaço escolhido para a realização da pesquisa foi o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez Wilson Lins – CAS Wilson Lins, localizado em Salvador-BA. Nesse espaço, pôde-se, inicialmente, observar algumas aulas ministradas para surdos e, ao mesmo tempo, acompanhar o processo de produção escrita desses alunos. Posteriormente, foram selecionados os 10 informantes da pesquisa: filhos de ouvintes, com surdez bilateral, severa ou profunda, congênita ou adquirida em período pré-linguístico, dos sexos masculino e feminino, com faixa etária de 10 a 18 anos, que estivessem cursando a 3ª ou 4ª série do ensino fundamental, apresentassem domínio em LIBRAS e utilizassem a Língua Portuguesa (em modalidade escrita).

Para o delineamento do perfil dos informantes da pesquisa, também foram aplicados questionários com a direção/coordenação, docentes e pais dos alunos. O Quadro 1 ilustra o perfil dos informantes selecionados:

	SUJEITO	IDADE	SEXO	SÉRIE	TIPO DE SURDEZ	FLUÊNCIA EM LIBRAS	FLUÊNCIA NA ESCRITA DO PORTUGUÊS
S1	A.F.R.S.	12	M	3ª	Severa (O.D.) Profunda (O.E.)	BOA	BOA
S2	J.V.O.B	10	M	3ª	Profunda (Bilateral)	BOA	BOA
S3	E.S.S.	12	F	3ª	Profunda (Bilateral)	BOA	REGULAR
S4	R.F.M.	13	F	3ª	Severa (Bilateral)	BOA	BOA
S5	S.A.M.	14	F	3ª	Profunda (Bilateral)	BOA	BOA
S6	C.J.	14	M	4ª	Severa (Bilateral)	BOA	REGULAR
S7	J.Q.M.	13	M	4ª	Severa (Bilateral)	BOA	REGULAR
S8	M.R.S.	14	M	4ª	Severa (Bilateral)	ÓTIMA	POUCA
S9	A.P.S.R.	18	F	4ª	Profunda (Bilateral)	POUCA	POUCA
S10	E.R.S.C.	14	F	4ª	Severa (Bilateral)	BOA	BOA

Quadro 1: Sujeitos da Pesquisa

Legenda: O.D.= Ouvido direito; O.E.= Ouvido esquerdo

Após a escolha dos sujeitos da pesquisa, foi feita a coleta e a análise dos dados. A coleta dos dados ocorreu de forma espontânea não-controlada, isto é, através da produção natural dos sujeitos em situações dialógico-discursivas. Os dados foram coletados periodicamente (uma vez por semana) ao longo de um período de dois meses. Dentre as diversas produções textuais recolhidas, foram analisadas 30 produções escritas (3 produções de cada aluno).

Uma avaliação preliminar acerca das produções coletadas poderia rotulá-las como incoerentes e telegráficas, com erros estruturais incompatíveis com a norma padrão do português. No entanto, após uma análise mais profunda, podem-se sistematizar algumas das principais características da escrita inicial de surdos, tomando como base a hipótese de que a estruturação das sentenças nos textos coletados está relacionada, por um lado, à sintaxe e à morfologia da Língua Brasileira de Sinais e, por outro lado, evidencia marcas do aprendizado de uma interlíngua – a língua de transição do aluno entre a língua nativa (NL) e a língua-alvo (LAL) em determinada altura de aprendizagem. Por isso, distancia-se dos “padrões gramaticais” exigidos a um falante nativo da Língua Portuguesa. Contudo, é válido ressaltar que, muitas vezes, os erros cometidos pelos alunos surdos são, comumente, encontrados nos textos de qualquer indivíduo que esteja aprendendo a escrita de uma língua.

Nesse sentido, as principais alterações morfosintáticas encontradas nos textos coletados foram classificadas em *erros não-sistemáticos* e *erros sistemáticos*, com base nas definições de Corder (1967 *apud* ABREU, 2007). Segundo o autor, *erros sistemáticos* são aqueles causados pela falta de conhecimento das regras da língua, no período da aprendizagem, e *erros não-sistemáticos* são aqueles causados por fatores como ansiedade, falta de atenção e outros aspectos que não estão relacionados à falta de conhecimento das regras da língua estrangeira.

Desse modo, nota-se que os *erros não-sistemáticos* são erros casuais, que não se repetem sistematicamente na análise estatística e, por isso, não serão considerados nesta análise. Dentre esses erros, os mais constatados nas produções selecionadas foram: ambiguidades, construções redundantes, direcionamento do informante ao interlocutor, uso do vocativo, falta de

domínio lexical, palavras iniciadas com letra maiúscula no meio da sentença, pontuação inadequada, problemas ortográficos, problemas semântico-pragmáticos, repetição de vocábulos e sentenças iniciadas com letra minúscula.

No que diz respeito *erros sistemáticos*, ocorrem devido à interferência da LIBRAS nas produções ou ao domínio incompleto de estruturas menos gerais da Língua Estrangeira. Os mais constatados foram: ausência de elementos gramaticais, de sinais de pontuação e de termos sintáticos; construção de frases nominais e de sentenças incompletas; construções inadequadas com tópico e comentário; estrutura sintática inadequada; falhas na concordância nominal e verbal; inadequações no uso da partícula negativa; problemas na flexão verbal e na marcação do plural; trocas na ordem das palavras na sentença; uso inadequado do verbo e dos elementos gramaticais.

Certamente, os diversos *erros sistemáticos* encontrados nas produções escritas por informantes surdos evidenciam a existência de marcas da LIBRAS e de uma interlíngua na escrita inicial de surdos. Isto acontece porque, para o surdo brasileiro, a apreensão da Língua Portuguesa (em sua modalidade escrita) envolve a aprendizagem de uma segunda língua. Portanto, não ocorre naturalmente, mas é resultante de um processo gradual de aprendizagem que ocorrerá com base no conhecimento internalizado do funcionamento de uma língua de sinais (a LIBRAS, no caso da maioria dos surdos brasileiros). Assim sendo, os equívocos são, muitas vezes, consequentes da associação entre a língua já adquirida e a que está sendo aprendida.

Em consonância com essas ideias, Silva (2001, p. 88) escreve:

"[...] as pessoas bilíngues, ao participarem de uma instância interativa monolíngue, nunca desativam totalmente a outra língua. Geralmente uma é tomada como base, a outra é convidada (participante como recurso por meio de diferentes mecanismos de alternância e justaposição)."

Assim, observa-se a existência de marcas da LIBRAS bem como de uma interlíngua na escrita inicial de surdos. Apesar disso, é preciso ressaltar que os textos apresentam coerência e que, embora os surdos apresentem dificuldades na tradução/interpretação da LIBRAS para o sistema escrito do português, podem dominar perfeitamente a L1.

Também é preciso considerar que as dificuldades apresentadas pelos surdos para a tradução/interpretação da LIBRAS para a Língua Portuguesa (em modalidade escrita) variam. É possível perceber que os diversos textos coletados apresentam consideráveis diferenças. Algumas produções estão mais restritas à estrutura da LIBRAS; outras revelam que os sujeitos ainda se encontram em uma fase inicial de aprendizagem da interlíngua; enquanto determinados textos demonstram um emprego mais consistente da Língua Portuguesa, embora ainda não seja o nível almejado.¹

Assim sendo, constatamos, nesta pesquisa, a existência de três diferentes níveis iniciais de proficiência no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa por surdos usuários da LIBRAS.

Nas produções dos indivíduos pertencentes ao primeiro nível (os sujeitos 1, 4 e 5), são predominantes as estratégias de transferências da estrutura da Língua Brasileira de Sinais para a escrita da Língua Portuguesa, havendo nenhuma ou poucas características da estrutura do português. Há o predomínio de frases sintéticas (muitas vezes nominais); a ausência ou inadequação de elementos gramaticais e de verbos; construções inadequadas com tópico e comentário ou na ordem SVO; e problemas nas flexões nominais e verbais. Mas é válido ressaltar que, apesar dessas características, é possível, na maioria das vezes, atribuir sentido aos textos, a exemplo da produção a seguir, elaborada pelo sujeito 1 da pesquisa:

Filho Boníto flor.
Pai famaíia trabalho.
Mãe gosto meu Caña.
Avo Eu Você cansado Saude.
Sobrinho ten com criança.
Fia Pai Bonito Anigo.
Prina eca terra flor.
Vovó gosta com tem.

Já nos textos dos informantes do segundo nível de proficiência (os sujeitos 3, 6, 8 e 9), observa-se uma mescla de elementos linguísticos da LIBRAS e da Língua Portuguesa. Assim, é comum a justaposição de elementos da L1 e da

¹ É válido enfatizar que a pesquisa apresenta marcas da LIBRAS na escrita inicial de surdos. Portanto, um surdo pode alcançar níveis mais elevados de proficiência na escrita da Língua Portuguesa do que os que foram mostrados neste trabalho.

L2, gerando uma sintaxe indefinida; ocorre o emprego dos elementos gramaticais, do verbo e das flexões nominais, ora de maneira correta, ora de forma inadequada; e há a presença de algumas construções nominais. Neste nível, também é possível atribuir sentido aos textos, principalmente se esses forem relacionados ao contexto em que foram produzidos, a exemplo da produção a seguir, elaborada pelo sujeito 3 da pesquisa:

Eu Ester gosta de Naira
Eu gosta de água
Eu gosta de jogos
Eu gostas de Deus
O sol é bom
lixo na rua não
fica descalço não
água suja não
não pode fi ca de nal
não pode fica no rua

Quanto aos informantes que se enquadram no terceiro nível (os sujeitos 2, 7 e 10), observa-se que demonstram um emprego mais consistente da gramática da Língua Portuguesa, em seus níveis morfológico e sintático, usando, com mais adequação, os verbos, flexões nominais e elementos gramaticais e construindo períodos compostos por coordenação e subordinação, além de apresentar um vocabulário mais variado, a exemplo da produção a seguir, elaborada pelo sujeito 2 da pesquisa:

Eu São João goto João bom.
Eu na festa de São João não gosto do forro e nei da quadrilha.
Ester gosta do forró de andar de Jegue e da soltar balão
Eu João gosto muito de molho e foqueira e bomba no São João.

Mas que aspecto(s) influenciaria(m) na ocorrência de diferentes níveis textuais: o grau de surdez, o sexo, a idade, a série e/ou o grau de fluência em LIBRAS? Analisando tais variáveis, observou-se que as mais determinantes foram idade, série e, principalmente, o grau de fluência em LIBRAS. Verificou-se que, embora as alterações morfossintáticas estejam presentes em textos de alunos com diferentes faixas etárias, na maioria das vezes, os tipos de alterações são distintos, ocorrendo conforme o grau de maturidade do aluno em ambas as línguas. E existe uma correspondência entre o grau de fluência

em LIBRAS (e sua conseqüente relação com um nível de domínio da Língua Portuguesa) e a motivação familiar (ou a falta desta) para o uso da Língua Brasileira de Sinais pelo surdo, aspecto constatado através de entrevistas realizadas com os pais dos informantes.

Assim, observa-se a importância do fator maturacional na aprendizagem de L2, mas, sobretudo, do domínio de uma L1, fortemente relacionado à motivação familiar: "As crianças surdas necessitam de estimulação especial em casa." (GOLDFELD, 2002, p. 131) A motivação familiar é fundamental no processo de aquisição de uma língua de sinais pelo surdo, o que conseqüentemente facilitará a aprendizagem da escrita de uma língua oral-auditiva.

Privações linguísticas na infância podem ser a causa de problemas e dificuldades na aprendizagem. O repúdio ou o descaso dos pais de alguns surdos com o uso de uma língua de sinais ocasionará conseqüências negativas na vida social e linguística dos filhos surdos. Já a motivação para a aquisição de uma língua de sinais, principalmente através do aprendizado e uso da língua pelos familiares, auxiliará positivamente. Assim,

"é fundamental que a família, recebendo apoio dos profissionais e de preferência também da comunidade surda, empenhe-se em aprender a LIBRAS. A família deve entender que seu filho necessita, a todo momento estar dialogando, recebendo informações e carinho para poder desenvolver-se de forma satisfatória." (GOLDFELD, 2002, 167)

Portanto, observa-se que o processo de aquisição da Língua Brasileira de Sinais (no caso da maioria dos surdos brasileiros) deve contar com o intermédio da família, visto ser ela a maior motivadora para o aprendizado dessa língua. E, como ficou comprovado na pesquisa, o domínio da língua de sinais é fundamental para a aprendizagem da escrita, pois é a base para que os surdos estruturem coerentemente suas ideias.

Entretanto, é preciso ressaltar, conforme Karnopp (2009), que embora seja a língua de sinais que forneça o conhecimento de mundo e atue como a língua de significação do surdo, nem todo o surdo fluente em uma língua de sinais apresenta um bom desempenho na leitura e escrita de uma língua de modalidade oral-auditiva.

Segundo a autora, a imersão na leitura e escrita da língua portuguesa pelo surdo está intimamente ligada às experiências de leitura, escrita e tradução vivenciadas tanto na escola como fora dela. Portanto, para além de uma pedagogização da escrita, é necessária uma discussão em torno do tema letramentos, tendo como pressuposto a ideia dos usos sociais da escrita pelo surdo, as práticas e o contato que o mesmo tem com a leitura, escrita e tradução de uma língua para outra.

Ainda, de acordo com Karnopp (2009), os surdos usuários da LIBRAS que apresentam melhor desempenho na leitura e escrita da Língua Portuguesa são aqueles que têm mais contato com os usos sociais da escrita, através da leitura, escrita e tradução dos mais variados gêneros de textos, em geral, com o apoio de algum familiar ou intérprete. Então, a quantidade e qualidade do *input* visual recebido na escola e no ambiente familiar também contribuem para o melhor desenvolvimento de um grupo de indivíduos do que de outro.

Contudo, nota-se que, nos anos iniciais da escolarização, boa parte das crianças, sejam elas surdas ou ouvintes, são expostas a atividades artificiais de escrita em sala de aula, ou seja, “a língua escrita é apresentada como algo de domínio oficial, escolar, não há função social (e, muito menos, prazerosa) para essa escrita, apenas uma função escolar.” (KARNOPP, 2009, p. 2) E, no caso dos surdos, a situação é ainda mais complexa; pois, às vezes, a língua de sinais é utilizada apenas como uma ferramenta, cujo objetivo final é a escrita da língua portuguesa. “É [...] a língua ‘deles’, dos surdos, mas não chega a ser a língua da educação do surdo.” (KARNOPP, 2009, p. 2)

Diante dessas constatações, nota-se que a escola tem importante função, seja no rompimento de estigmas e preconceitos existentes em relação à surdez e às línguas de sinais; seja no desenvolvimento de competências e habilidades para a apreensão de uma segunda língua por surdos, através de atividades significativas com a leitura e escrita. Também é necessário que os pais de crianças surdas sejam conscientizados da importância que têm no aprendizado linguístico dos filhos e atuem junto com a escola na luta pela verdadeira inclusão social do surdo. As diferenças, sobretudo linguísticas, devem ser vistas não como obstáculos para o cumprimento da ação educativa, mas como grandes fatores de enriquecimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Youssef. Propostas para um ensino de hebraico consoante com o perfil do aluno de teologia. In: *Terra e Cultura*, ano 22, n. 42. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/42/Terra%20e%20Cultura_42-1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2009.
- CORDER, S. P. *The significance of Learners' Errors*. IRAL, v. 4, p.161-170, 1967.
- DECHANDT, Sônia Brochado. (2006). A apropriação da escrita por crianças surdas. In: QUADROS. Ronice Muller de (Org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul.
- FERNANDES, Sueli F. (2006). Práticas de letramento na educação bilíngüe para surdos. Curitiba: SEED. Disponível em: <http://www8.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dee/praticas_letramentos.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2007.
- FERREIRO, E. (1985). *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez.
- _____; TEBEROSKY, A. (1986). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GOLDFELD, Márcia. (2002). *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. 2 ed. São Paulo: Editora Plexus.
- GUARINELLO, Ana Cristina. (2007). *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. São Paulo: Plexus.
- KARNOPP, L. B. (2009). Parecer elaborado para a Dissertação de Mestrado de Fernanda M. A. dos Santos. Salvador, UFBA, apresentação oral. (digitado)
- QUADROS, Ronice Muller de. (1997a). Aquisição de L1 e L2: o contexto da pessoa surda. In: SEMINÁRIO DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO BILÍNGÜE PARA SURDOS, 21 a 23 de julho de 1997, Santa Catarina: UFSC. *Anais...* Santa Catarina. p.70-87. Disponível em: <<http://www.ronice.ced.ufsc.br/publicacoes/contexto.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2007.
- _____. (1997b). *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SALLES, Heloisa Maria M. L. et al. (2004). *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília, Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial. 2 v.
- SÁNCHEZ, C. (2002). Os surdos, a alfabetização e a leitura: sugestões para a desmistificação do tema. *Conferência*. Secretaria de Estado de Educação do Paraná: Departamento de Educação Especial. (Mimeo).

SCLIAR-CABRAL, Leonor. (1988). Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e aquisição sistemática de segundas línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Orgs.). *Tópicos de Lingüística Aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC. (Série Didática)

SILVA, Marília da Piedade Marinho. (2001). *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus.